

O HOTEL GLOBO E SUAS INTERFACES CULTURAL E DE DIFUSÃO INFORMACIONAL

Josivan Soares Ferreira (UEPB) josivansoares@yahoo.com.br¹
Anderson Victor B. Cavalcante (UEPB) victorbarcalv@gmail.com²
Francinete Fernandes de Sousa (UEPB) neteducadora@gmail.com³

Resumo

Com o objetivo promover uma discussão sobre o tratamento arquivístico dado a um monumento, este artigo apresenta uma abordagem científica sobre o Hotel globo, o qual se constitui um documento arquivístico. A análise foi baseada na Arquivística, e a revisão bibliográfica das discussões sócio-culturais salientadas por Bellotto (2007); as abordagens de memória, documento e patrimônio partiram dos pressupostos teóricos de Le Goff (1984 e 1994), e a metodologia exploratória, que foi respaldada pela visita in loco, compôs o corpus deste trabalho. Chegamos às conclusões preliminares, indicando que a solução para a problemática de inclusão do hotel como documento sócio-cultural se encontra no investimento em ações de valorização e apreciação do monumento, que vão desde a fomentação de difusão cultural nas redes de ensino básicas, práticas que só terão respaldo através da criação e promoção de políticas públicas que criem tais possibilidades junto à sociedade, através da disseminação das informações contidas no monumento, como também a concretização de eventos sociais, intelectuais, culturais e econômicos na área onde o monumento se localiza, criando, assim, espaços de diálogo com os conhecimentos e saberes sobre a história e a cultura da Paraíba, o que transformará o Hotel em um significativo patrimônio cultural e documental.

Palavras-chave: Patrimônio. Inclusão sócio-cultural. Unidade de Informação. Hotel Globo.

THE GLOBO HOTEL AND ITS CULTURAL AND INFORMATIONAL INTERFACES

Abstract

With the objective of creating a debate about the archivistic treatment given to a monument, this article offers a scientific approach to the Globo Hotel which constitutes an archivistic document. Using an analysis based on the archivistic science and a bibliographical review of socio-cultural discussions raised by Bellotto (2007), the approaches to memory, documents and patrimony suggested by LeGoff (1984 e 1994), as well as the exploratory methodology of the in-loco visitation – all of these elements constituting the object of this study – we reached some preliminary conclusions: first of all, that the solution to the problem of the inclusion of the hotel as a socio-cultural document lies in the investment in actions which increase the value and the appreciation of the hotel

¹ Educando do Curso de Arquivologia

² Educando do Curso de Arquivologia e bolsista do Projeto Casas de leitura: uma aventura do saber

³ Docente do Curso de Arquivologia da UEPB. Orientadora do artigo.

as a monument. Such actions go from fomenting the spread of the information throughout the basic school systems – which depends on the creation of public policies to stimulate such possibilities in society - , to the dissemination of the information contained in the hotel and the realization of social, intellectual, cultural and economic events in the region near the hotel. There would be then a dialogue with the patrimony of knowledge and information about the history and the culture of Paraíba, thus transforming the Globo Hotel into a significant part of our cultural and documental patrimony.

Key-words: *Patrimony. Socio-cultural inclusion. Information unit. Globo Hotel.*

1. Introdução

Ao pensar sobre o valor do monumento histórico como um patrimônio permanente para a sociedade, deparamo-nos com inúmeros textos, ensaios, trabalhos relacionados a este tema, concretizados através de artefatos e paisagens urbanas e naturais, obras e edificações, com uma visão quase que constante voltada para a disciplina de história. De maneira isolada são projetos de preservação e/ou tombamento sem uma ligação com a Arquivologia que trata da temática com especial atenção.

Como já está consolidada a problemática do reconhecimento e de sua preservação, em função de valor histórico, este artigo não pretende levantar a discussão sobre a questão de tombamento e de preservação dos casarões e das igrejas. Porém, uma nova abordagem se faz necessária à arquivologia: um olhar arquivístico sobre monumentos como documentos históricos.

Etimologicamente, a palavra monumento vem do latim *monumentum*, que deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. Já o termo latino *documentum* deriva de *docere*, “ensinar”.

Segundo Turazzi, a língua portuguesa incorporou ao seu vocabulário o termo documento algo com valor de prova:

Na historiografia do Século XIX e boa parte do Século XX, o documento escrito era encarado como a fonte pronta e acabada que concebia ao historiador as certezas da História. Hoje, no entanto, essas concepções já não respondem às nossas indagações sobre o passado e o presente das sociedades. Para a maioria dos historiadores contemporâneos, o conhecimento histórico se constrói e se renova a cada dia com o estudo e o questionamento de fontes de informações diversificadas – documentos textuais, visuais, orais, arqueológicos e arquitetônicos. (Grifo meu) (TURAZZI, 2005, p.6)

É consenso entre estudiosos, pesquisadores e historiadores o valor de um monumento como prova histórica. Ao estudar tais monumentos, constatamos que um monumento histórico também pode ser considerado como um documento, pois, segundo Le Goff (1984, p.103), todo monumento reflete “ o esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”⁴. Assim, os acontecimentos intelectuais, econômicos e sociais que o monumento acolhe em suas proximidades, pode e deve ser alvo de tratamento arquivístico, objetivando a disseminação científica e cultural da sociedade.

Segundo Goulart (2005),

(...) Novas possibilidades de pesquisas, à luz de novas perspectivas, inauguram modelos surpreendentes de análise historiográfica, baseados em documentos nunca antes considerados como tal – por exemplo, os objetos cotidianos ou as edificações e equipamentos de manufaturas antigas.... (GOULART, 2005, p.7):

De acordo com Le Goff (1994, p. 536), “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”.

O conceito de monumento apresentado por Le Goff caracteriza-o como uma perpetuação do conhecimento relativo à sociedade. E quando nos deparamos com

⁴ Le Goff, Jacques. *Documento/monumento*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Casa da Moeda, 1984, v. 1, p.103

monumentos edificados, indagamos o quanto do próprio conhecimento está presente apenas nas mãos de historiadores, mediante análises, muitas vezes verticais, do que é realmente relevante e apreciável que aqueles monumentos abrigaram para ser conhecido/registrado. E quanto às pessoas que os freqüentam, que informações gerais detêm sobre eles?

Não queremos, aqui, confrontar ou discutir os preceitos de registros feitos pelos historiadores ou a escolha de fatos da historiografia como sendo históricos. O que se deve acrescentar a essa visão de perpetuação histórica é a própria dinâmica da sociedade, com relação a uma descrição documental e arquivística, que se pode e deve dar sobre os fatos da área em que se encontra o monumento. Le Goff (1994, p.536) afirma que “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos* e os *monumentos*.” Pretendemos construir um desdobramento do valor de um monumento como um documento histórico para disseminar e proporcionar um trabalho de (re) conhecimento: um olhar arquivístico sobre os eventos culturais, intelectuais e a própria história do antigo Hotel Globo, em João Pessoa; catalogar e reunir essas informações em formato documental, traduzidas por instrumentos de pesquisas tais como: guias, inventários, índices e catálogos, que fazem parte do processo de descrição arquivística.

A partir dessa abordagem científica apresentada pela Arquivologia, objetivamos, neste artigo, reunir várias informações sobre o antigo Hotel Globo e disponibilizá-las no próprio monumento e em outros meios de divulgação, para pesquisa, estudo e conhecimento desse espaço de herança cultural pela sociedade e pelos visitantes.

Utilizando como metodologia as revisões bibliográficas que referenciam a história do referido hotel e a visita in loco, pretendemos reunir todo o material sobre sua história, arquitetura e espaço social, para levar aos visitantes, aos estudantes e aos pesquisadores conhecimentos sobre esse monumento de forma imparcial.

No que diz respeito à produção do conhecimento, observa-se o rápido avanço tecnológico e a criação de mecanismo de acesso às informações ditas essenciais, dentro da perspectiva da Ciência da Informação e de áreas ligadas a ela, como a Arquivologia. Nessa

perspectiva, pretendem-se capacitar profissionais que atendam aos interesses sociais de acesso à informação.

Nesse sentido, os profissionais de Arquivologia devem se apropriar de métodos da Sociologia e da História, porquanto trabalham com fragmentos da vida social e da história “É preciso ter critérios que ajudem a selecionar o método mais apropriado para a realidade pretendida, reconhecer o melhor momento para sua aplicação, enfim”. É preciso estudar os diferentes métodos a ponto de sentir-se seguro para fazer a escolha, pois “o talento do pesquisador consiste em adequar os métodos às necessidades dos objetos” (Lopes, 1997 apud Calderon, 2004, p.102).

As novas possibilidades de uso das informações e dos espaços fomentadores de saberes que estão contidos nos preceitos da Arquivologia contemporânea, em relação aos usos dos arquivos, apresentam uma dimensão pedagógica, educativa e de difusão cultural forte e libertária, a ponto de possibilitar aos cidadãos e cidadãs o pleno acesso aos bens culturais. Segundo Bellotto (2007),

No que concerne aos serviços de assistência educativa, o papel dos arquivos tem sido pouco explorado no Brasil, embora a pedagogia brasileira venha sendo renovada e progressista (...) O desenvolvimento de laços entre os arquivos e a educação não depende só da compreensão do papel que a educação deve exercer no mundo contemporâneo; são igualmente importantes: o reconhecimento do verdadeiro valor dos arquivos como fonte educativa e a vontade de transformar o valor educativo potencial dos arquivos em programas positivos e realistas (BELLOTTO, 2007, p.230).

2. A questão patrimonial e cultural

A noção de patrimônio histórico e cultural se refere à herança composta por um complexo de bens históricos. A constituição estabelece que o poder público, com a cooperação da comunidade, deve promover e proteger o patrimônio cultural. Para tais práticas, temos a Lei nº 3.924 de 16 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos

arqueológicos e pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram, de acordo com o que estabelece o Art. 180 da Constituição Federal. Dispõe, ainda, que esse patrimônio seja constituído pelos bens materiais e imateriais que se referem à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, a saber:

- ❖ As formas de expressão;
- ❖ Os modos de criar, fazer, viver;
- ❖ As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- ❖ As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- ❖ Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A promulgação do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e instituiu o instrumento do tombamento. A inscrição, em um dos quatro livros do tombo, de bens móveis ou imóveis, cuja conservação é de interesse público, impede legalmente que eles sejam destruídos ou mutilados. O ato do tombamento, prerrogativa do Poder Executivo, não implica desapropriação nem determina o uso, mas se trata de "uma fórmula realista de compromisso entre o direito individual à propriedade e a defesa do interesse público relativamente à preservação de valores culturais" (FONSECA, 1997, p.115).

Um importante passo, quanto à preservação do patrimônio, foi a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. A criação do organismo federal de proteção ao patrimônio, ao final dos anos 30, foi confiada a intelectuais e artistas brasileiros ligados ao movimento modernista. Era o início do despertar de uma vontade que datava do Século XVII de proteger os monumentos históricos.

A criação da Instituição obedece a um princípio normativo, atualmente contemplado pelo Artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil, que define patrimônio cultural a partir de suas formas de expressão; de seus modos de criar, fazer e viver; das criações científicas, artísticas e tecnológicas; das obras, dos objetos, dos documentos, das

edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e dos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A Constituição também estabelece que cabe ao poder público, com o apoio da comunidade, a proteção, preservação e gestão do patrimônio histórico e artístico do país. É nessa premissa que cada Estado tem o poder de criar órgãos, em nível estadual, responsáveis pelo cadastramento e pelo tombamento de bens culturais, artísticos e históricos no Estado. Mediante esses problemas, surge o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba- IPHAEP -, que foi criado a partir do Decreto-lei 5.255 de, 31 de Março de 1971.

3. O antigo Hotel Globo



Figura 1 – Residência do Sr. Henrique Siqueira – Acervo IHGP
Foto: Walfredo Rodriguez (Séc. XX)



Figura 2- Hotel Globo (depois da restauração). Foto: J. Soares, 2007.



Figura 3 – Anexo do Hotel Globo

Como mostra a figura 1, o prédio foi construído, primeiramente, para servir de residência ao Sr. Henrique Siqueira. Só foi transformado em hotel em 1929 (figura 2), quando foi erguido o anexo para maior conforto dos hóspedes (ver figura 3). Suas características arquitetônicas são ecléticas, com fortes motivos neoclássicos, Art Nouveau e

Art Decó. Entrou em decadência na década de 70 e, em 1994, após um processo de restauração iniciado dois anos antes pela equipe da Oficina-escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa, em convênio com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional e ao custo de US\$ 300 mil dólares, voltou a funcionar, abrigando a sede da Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico e outras entidades. Somado à igreja de São Frei Pedro Gonçalves e demais imóveis do largo (que leva o mesmo nome da igreja), forma um belíssimo conjunto arquitetônico. Foi tombado em 26 de Agosto de 1980, conforme o Decreto de Tombamento N.º 8.639⁵.

Esse trabalho terá maior abrangência, principalmente em função de o antigo Hotel Globo estar no centro histórico de João Pessoa, que teve seu tombamento como patrimônio da humanidade em dezembro de 2007. O Centro Histórico da capital ocupa, segundo dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, uma área de 117 hectares, com aproximadamente duas mil edificações, contendo, no total de área do tombamento, 37 hectares, que incluem 502 edificações em 25 ruas e seis praças⁶.

A partir desse tombamento, objetiva-se criar, mediante as perspectivas dos meios de representações culturais, uma reunião para apreciação social e coletiva. Por isso, a Arquivologia traz para si o dever de criar esse meio de acesso à cultura, de forma parcial e dialética, pois o acesso à cultura e políticas de acesso se fazem presentes mediante as perspectivas da Arquivologia pós-custodial: a informação e seu acesso a qualquer usuário, independentemente de seu contexto sócio-econômico.

Sobre políticas e meios de acesso à cultura, Botelho (2001, 16) assevera:

A dimensão sociológica da cultura refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, política e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria. Ela compõe um universo que gere (ou interfere em) um circuito organizacional, cuja complexidade faz dela, geralmente, um foco de atenção das

⁵ Portal do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Acessado em 29 de Junho de 2004. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginaIphan> >

⁶ Informativo mensal da Prefeitura da Capital. **João Pessoa Hoje**, nº. 38, p.16, Maio, 2008.

políticas culturais, deixando o plano antropológico relegado simplesmente ao discurso. (BOTELHO, 2001,p.74)

O Hotel Globo localiza-se no Centro Histórico de João Pessoa, no prédio de nº. 7 (o hotel), e no anexo de nº. 55, no largo e na Ladeira de São Pedro Gonçalves. Atualmente funciona como sede do consulado da Espanha e do Centro de Informações Turísticas – PBTUR. Contém, em caráter permanente, exposição de pôsteres de alguns momentos históricos e gerais sobre o hotel; obras como mobiliários, louças e objetos de valor histórico do acervo do hotel e objetos do artesanato regional do estado, funcionando para visitantes nos horários comerciais de segunda a sexta-feira.

A partir das necessidades atuais de disseminação, gestão e acesso à informação, seja ele em qualquer suporte, é premente a utilização de monumentos como o antigo Hotel Globo, para o desenvolvimento de trabalhos junto à sociedade, como:

- ❖ Conhecer o que é um monumento a partir de dados históricos e seu valor de perpetuação e disseminação, através de um tratamento arquivístico, de eventos ligados a historiadores e pesquisadores da área;
- ❖ Proporcionar à sociedade o conhecimento do valor documental e descritivo que se pode dar, mediante pressupostos e metodologias de acesso arquivístico;
- ❖ Possibilitar à sociedade e ao poder público uma política de preservação da informação documental;
- ❖ Desenvolver estudos sobre os processos históricos, sociais e econômicos ligados a esse monumento;

4. Análise dos dados

Após um trabalho de pesquisa bibliográfica e visita ao objeto de pesquisa, observamos que, no próprio monumento, há pouquíssimo material disponível que fala sobre ele. O material que referencia a história do hotel se limita a dados primários, como os citados anteriormente.

No IHGP, constituído de mais de 10 mil exemplares, um único livro, contendo apenas dois parágrafos, trazia alguma informação sobre o antigo Hotel Globo. E esses dois parágrafos mostram o cotidiano, as perspectivas e o modo de pensar daquela época. Um texto riquíssimo está “perdido” em um livro cujo texto não estava indexado para seu resgate e estudo. Vejamos o texto abaixo:

5. As tardes do Globo⁷

Houve outra época, em que Aguinaldo Siqueira, dono até hoje do meu querido Hotel Globo, resolveu colocar um barzinho na área livre, do qual era o freqüentador principal, tendo feito até poemas de louvor a ele, poemas estes que me valeram uma semana de bebidas de graça, e uma amizade que se solidificou até hoje. Sempre me sinto em casa no Globo, seja qual for a hora, seja qual for o motivo da visita.

Este barzinho do Globo foi logo batizado de Barzinho dos *Intelectuais*, nome muito em voga por esta época. Bastava que o cara escrevesse um poema, ou freqüentasse assiduamente as sessões do cinema da arte (eu e Roosevelt Sampaio carimbávamos os ingressos para entrar de graça...! Ah, bons tempos...!) para que fosse chamado de intelectual. Por lá *baixavam*, Elzo Franco, por esse tempo proprietário de uma moto, Vanildo Brito recitando poemas para Tamira, Jomar Souto com seu *Itinerário Lírico de uma cidade*, Marcos dos Anjos, e tanta gente que minha memória, não arquivou. Depois o barzinho do globo morreu. Morreu por bondade do seu dono, que foi fazer o *fiado* demais para uns certos *intelectuais*, e no fim só viu falido. Mas uma porta fechou-se para nós que cultivamos Baco.

Como se pode observar no texto acima, há, ainda, muito a explorar sobre a questão de se reconhecer o monumento como um documento, para disseminar e conhecer esses eventos que abrigaram tal monumento para a sociedade paraibana e para os visitantes. Com base na leitura desse texto, podem-se fazer estudos sobre aspectos socioeconômicos, linguagem da época, entre outros. Pontos de acesso a esse e a outros conteúdos sempre nos fazem recordar o pensamento de LeGoff (1994, p.553), quando ele enfatiza que os

⁷ AGUIAR, Wellington; OCTÁVIO, José. Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro. João Pessoa, Ed. Governo do Estado da Paraíba, 1985, p.162, *apud* RODRIGUES, Gonzaga – notas do meu lugar, J. Pessoa, ED. Acauã, 1978. p. 17/9

monumentos são heranças do passado, e os documentos se constituem em uma escolha, marcada por um discurso ideólogo do historiador e do pesquisador. Com esse discurso, o autor nos faz pensar não apenas na escolha ou herança, mas na possibilidade de inúmeras fontes de conhecimento e de seu acesso, através de representações acessíveis a várias ideologias culturais.

6.Considerações finais

Pelas reflexões feitas aqui, o trabalho de reconhecimento do Hotel Globo, como um documento histórico, e de sua inserção numa visão arquivística se faz necessário para um novo horizonte não apenas em relação ao valor de uma edificação, mas também ao valor arquitetônico, urbanístico e histórico. Tais paradigmas estão vinculados na Arquivologia contemporânea aos usos arquivos, que têm uma **dimensão pedagógica, educativa e de difusão cultural** forte e libertária, a ponto de possibilitar aos cidadãos e cidadãs o pleno acesso aos bens culturais.

Com a explosão de novos pontos de acesso, a exemplo da internet, o conhecimento do monumento se limita a telas de computadores e às informações, muitas vezes, fragmentadas, difusas, inconsistentes e passíveis de dúvida quanto a sua veracidade. O tema abordado se constitui uma visão ambiciosa e, até certo ponto, nova. A própria dinâmica da sociedade se faz presente em ações de descrição monumental para possibilitar a estudantes e visitantes uma espécie de registro de tudo o que possa melhorar o entendimento sobre o valor patrimonial de tal edificação.

Criar mecanismos de acesso a essas informações é a principal tarefa da Arquivologia contemporânea. Através de trabalhos como o proposto neste artigo, acreditamos que poder mostrar à sociedade que os arquivos e monumentos abrigam uma construção que pode disseminar o saber cultural, não privilégio de poucos, mas um bem da coletividade, para desenvolver ações pedagógicas para apreciação do patrimônio cultural e histórico, com uma visão documental e arquivística, criando, a partir dos novos paradigmas

sociais e culturais, ambientes educacionais, e democratizando, através da memória historiográfica e da preservação cultural, espaços de saberes culturais no Brasil.

Referências

- BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.
- BOTELHO, Isaura. *Dimensões da cultura e políticas públicas*. São Paulo em perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, p.73-83, Fev., 2001.
- CALDERON, Wilmara Rodrigues et al. *O processo de gestão documental e da informação aquivística no ambiente universitário*. Brasília: Rev. Ci. Inf., v.33, n.3, p.-97-104, set./dez. 2004
- CHOAY, Françoise. *Monumento e monumento histórico*: In: ___. A alegoria do patrimônio [Trad]. 3ª ed. São Paulo, Unesp, 2006, p.11-29.
- FONSECA, M.C.L. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ/Iphan, 1997.
- GOULART, Silvana. *Patrimônio documental e história institucional*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*: In: ___. História e memória. [trad]. 3ª ed. Campinas, Unicamp, 1994, p. 535-553.
- OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. *Memória, história e patrimônio: políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico*. Dissertação (Mestrado em História). UFPE, 2002.
- TURAZZI, Maria Inez. *A fotografia e o ensino de História*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo, Moderna, 2005.